

OS

Passageiros da

PLATAFORMA 5

CLARE POOLEY

TRADUÇÃO

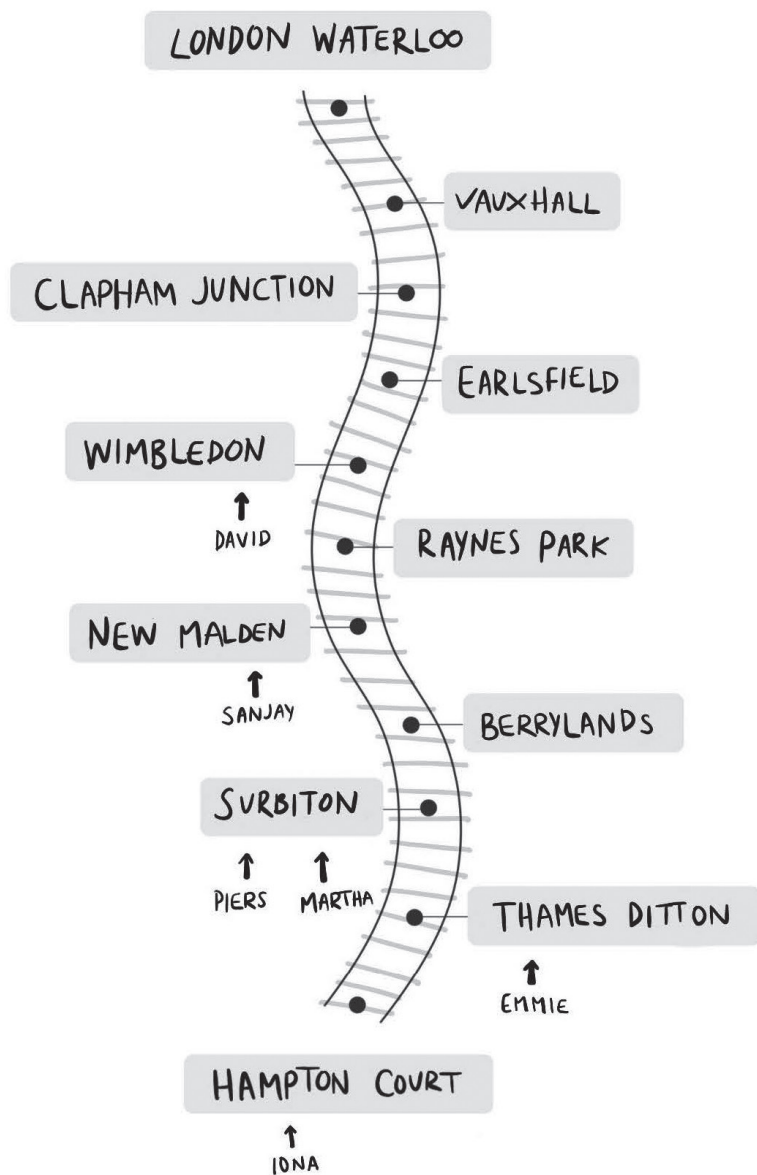
Ana Maria Pinto da Silva

 Planeta

À minha filha, Eliza
Que sejas sempre «mais como a Iona»

«Os comboios são maravilhosos.
Viajar de comboio é ver a natureza
e os seres humanos, cidades, igrejas
e rios, na verdade, é ver a vida.»

AGATHA CHRISTIE





Iona

8h05 De Hampton Court a Waterloo

Até ao momento em que um homem começou a morrer mesmo à sua frente no comboio das 8h05, o dia de Iona decorrerá tal como outro qualquer.

Saía sempre de casa às sete e meia. Demorava uma média de vinte minutos a ir a pé até à estação de saltos altos, o que significava que, por norma, chegava quinze minutos antes do seu comboio partir para Waterloo. Dois minutos mais tarde se calçasse os *Louboutins*.

Chegar a horas era crucial se quisesse garantir o lugar habitual na carruagem do costume, o que conseguia. Embora a inovação fosse uma coisa maravilhosa no que tocava à moda, ou ao cinema, ou até mesmo à pastelaria, não era bem-vinda no seu trajeto diário.

Há já uns tempos, o editor de Iona tinha-lhe sugerido que comesse a *trabalhar a partir de casa*. Ele tinha-lhe dito que estava na moda e que o seu trabalho podia muito bem ser realizado com a mesma competência à distância. Tentou persuadi-la a prescindir do seu gabinete de trabalho com falinhas mansas aludindo a mais uma hora na cama e maior flexibilidade, e, quando isso não resultou, tentou correr com ela obrigando-a a fazer algo horrível intitulado *hot desking*, que – segundo ela veio a descobrir – era o termo empresarial para designar *secretária partilhada*. Mesmo em criança, Iona nunca gostou de partilhar. Aquele pequeno incidente com a boneca Barbie ainda estava bem vivo na sua memória e, sem dúvida, na das suas colegas de turma

também. Não, eram necessários limites. Por sorte, os colegas de Iona não tardaram a perceber qual era a sua secretária preferida, e esta passou de quente a claramente gélida.

Iona adorava ir para o escritório. Gostava de conviver com os jovens, que lhe ensinavam o linguajar mais atual, tocavam as suas novas músicas favoritas e diziam-lhe o que ver na Netflix. Era importante manter pelo menos um dedo conectado com os novos tempos, em especial na sua profissão. A Bea, coitada, não era de grande ajuda nesse departamento.

No entanto, não ansiava muito pelo dia de hoje. O seu editor mais recente agendara-lhe uma avaliação de desempenho de 360 graus, o que de uma maneira geral lhe parecia demasiado íntima. Na sua idade (cinquenta e sete), ninguém gostava de ser avaliado muito de perto, e por certo não de todos os ângulos. Há coisas que é melhor deixar à imaginação. Ou nem sequer pensar nelas, para ser sincera.

Seja como for, o que sabia ele? Muito à semelhança dos polícias e dos médicos, os seus editores pareciam ficar cada vez mais jovens a cada ano que passava. Este, acreditem se quiserem, só pode ter sido concebido depois da World Wide Web. Nunca conhecera um mundo onde os telefones se encontravam fixos à parede e era preciso procurar factos na *Encyclopaedia Britannica*.

Iona lembrou-se, com uma certa melancolia, das suas avaliações anuais de desempenho quando começou a trabalhar na revista, há quase trinta anos. Nessa altura não lhes chamavam «avaliações», claro. Chamavam-se «almoço», e tinham lugar no Savoy Grill. O único inconveniente era ter que afastar, de forma educada, a mão gorda e suada do editor da sua coxa com frequência, mas ela até gostava dessas reuniões, e quase valiam a pena só pelo linguado *à meunière*, separado com destreza da espinha por um empregado de mesa subserviente com sotaque francês, e bem regado com uma garrafa gelada de *Chablis*. Tentou recordar-se da última vez que alguém – sem ser a Bea – fez menção de apalpá-la debaixo de uma mesa, e não conseguiu. Pelo menos desde o início dos anos 1990, em todo o caso.

Iona observou o seu reflexo no espelho da entrada. Optara por vestir o seu fato vermelho preferido – aquele que gritava *Não estou para brincadeiras e Tira daí o sentido, amigo*.

– *Lulu!* – chamou, apenas para descobrir que o buldogue francês já se encontrava sentado mesmo aos seus pés, pronto para seguir. Mais uma criatura de hábitos. Baixou-se de modo a prender a trela à coleira rosa-choque de *Lulu*, cravejada de lantejoulas com o seu nome escrito. Bea não aprovava os acessórios de *Lulu*. *Querida, é uma cadela, não uma criança*, costumava dizer em diversas ocasiões. Iona estava bem ciente disso. Hoje em dia as crianças eram bastante egoístas, preguiçosas, opiniosas e cheias de si, achava ela. Não eram nada como a adorável *Lulu*.

Iona abriu a porta da frente e subiu as escadas, tal como sempre fazia.

– Adeusinho, Bea! Vou para o escritório. Vou sentir saudades tuas!

A vantagem de embarcar no comboio em Hampton Court era o facto de ser o fim da linha, ou o início, dependendo, é claro, do sentido em que se viajava. *Era uma questão de ponto de vista*, pensou Iona. Pela sua experiência, a maioria dos finais não passava de começos disfarçados. Deveria tomar nota disso para a coluna. Por conseguinte, os comboios estavam sempre – desde que se chegasse bastante cedo – relativamente vazios. Isto significava que Iona podia, de uma maneira geral, ocupar o seu lugar favorito (o sétimo lugar da coxia à direita, virado para a frente, diante de uma mesa) na sua carruagem preferida: a número três. Iona sempre preferira os números ímpares aos pares. Não gostava que as coisas fossem demasiado certinhas ou convenientes.

Iona sentou-se, colocando *Lulu* no banco ao seu lado, e começou a arrumar as coisas à sua frente. A garrafa térmica cheia de chá verde, a abarrotar de antioxidantes para combater o envelhecimento; uma chávena de porcelana fina com pires a condizer, uma vez que beber chá de um copo de plástico era inadmissível em qualquer circunstância; o seu correio mais recente e o *iPad*. Eram apenas dez paragens até Waterloo,

e a viagem de trinta e seis minutos constituía a oportunidade perfeita para organizar o dia que se avizinhava.

À medida que o comboio ia ficando cada vez mais apinhado de gente a cada paragem, Iona trabalhava com alegria na sua pequena bolha maravilhosamente anónima e misturando-se com o pano de fundo. Apenas uma entre os muitos milhares de passageiros similares, que não lhe prestavam a mínima atenção. Como é óbvio, ninguém falava nem com ela, nem com mais ninguém. Toda a gente conhecia a Regra Número Dois dos Transportes Públicos: podia acenar-se com a cabeça na direção de alguém que já se tinha visto durante um número significativo de ocasiões, inclusive – *in extremis* – trocar um sorriso irónico ou revirar os olhos ante um dos avisos do revisor pelo altifalante, mas nunca, nunca falar. A menos que se fosse doido. Coisa que ela não era, apesar do que diziam por aí.

Um ruído desconhecido fez Iona levantar os olhos. Reconheceu o homem sentado à sua frente. Por norma, não costumava viajar neste comboio, mas via-o muitas vezes na viagem de regresso, no das 18h17 que partia de Waterloo. Reparou nele por causa das suas roupas requintadas e de bom corte, que regra geral teria admirado, mas que se afiguravam bastante arruinadas por um extraordinário sentido de legitimidade que, na verdade, advém apenas do facto de ser branco, homem, heterossexual e de uma solvência excessiva. Isto era evidenciado pela sua propensão para se sentar com as pernas abertas e falar demasiado alto ao telemóvel acerca *dos mercados e cargos*. Certa vez ouviu-o referir-se à mulher como *a carcereira*. Saía sempre em Surbiton, o que lhe parecia algo incongruente. Iona atribuiu alcunhas a todos os passageiros que reconhecia, e ele era o Elegante-Porém-Machista de Surbiton.

Nesse momento, não parecia assim tão satisfeito consigo mesmo. Quando muito, apresentava-se com um ar angustiado. Estava curvado para a frente, agarrado à garganta, e emitia uma parafernália de sons algures entre a tosse e o vômito. A rapariga sentada ao lado dele – uma jovem bonitinha, com cabelo ruivo entrançado, e pele acetinada e fresca que sem dúvida tomava como um dado adquirido, mas de que um dia mais tarde se recordaria com nostalgia – perguntou, bastante nervosa:

– Sente-se bem? – Era mais do que óbvio que ele não se sentia bem. O homem ergueu os olhos, tentando transmitir-lhe alguma coisa, mas as palavras pareciam estar entaladas na sua garganta. Apontou na direção de uma salada de frutas meio comida em cima da mesa à frente dele.

– Acho que ele se engasgou com um dos morangos. Ou talvez com uma uva – disse a rapariga. Esta era uma situação óbvia de emergência. Era irrelevante qual a peça de fruta ao certo que estava envolvida no caso. A rapariga pousou o livro que estava a ler e deu-lhe umas palmadinhas nas costas, entre as omoplatas. Era o tipo de palmadinha afetuosas que muitas vezes acompanhava as palavras *lindo menino* quando se acariciava um cão, e não era, de todo, o que a situação exigia.

– Assim, bata com mais força – disse Iona, inclinando-se para a frente ao longo da mesa e dando-lhe um forte soco com o punho fechado, coisa que achou bastante mais divertido e agradável do que deveria, dadas as circunstâncias. Por um momento, fez-se silêncio, e Iona pensou que o homem estava a sentir-se melhor, mas depois os sons estrangulados começaram de novo. A cara dele adquirira manchas de um tom arroxeado, e os lábios começaram a perder a cor.

Será que o homem ia morrer, aqui mesmo, no comboio das 8h05? Antes mesmo de chegarem a Waterloo?



Piers

8h13 De Surbiton a Waterloo

O dia de Piers não estava a correr nada como planeado. Para começo de conversa, este não era o comboio que costumava apanhar. Gostava de chegar à City¹ antes da abertura dos mercados, mas a rotina de hoje ficara completamente virada de pernas para o ar porque Candida decidiu despedir a *au pair* no dia anterior.

Magda já era a terceira *au pair* que tinham este ano, e Piers acalentara uma grande esperança de que ela se aguentasse lá em casa pelo menos até ao final do ano letivo. Depois, quando regressaram mais cedo do que o previsto de um desastroso fim de semana fora *en famille*, foram dar com Magda na cama com o jardineiro, além de resíduos de cocaína e uma nota enrolada em cima de um exemplar de capa dura de *O Grufalão*². Piers até poderia ter sido capaz de convencer Candida a mandar Magda embora com um raspanete, visto que se encontrava de folga na altura, mas a conspurcação do livro de histórias para adormecer favorito das crianças tinha sido a gota de água. *Como é que eu posso voltar a ler essa história sem imaginar o Tomaso a explorar o bosque escuro e frondoso da Magda?*, berrara Candida.

¹ A histórica área financeira de Londres, onde se pode encontrar a Bolsa de Valores e o Banco de Inglaterra. (N. da T.)

² Livro infantil da autoria de Julia Donaldson, publicado em 1999. (N. da T.)

A situação descambou ainda mais quando Piers embarcou por fim num comboio em Surbiton, para vir a descobrir que o único lugar vago, numa mesa para quatro, ficava mesmo defronte da mulher esquisita com o seu cão asmático de focinho achatado. Piers não costumava vê-la de manhã, mas era uma visão familiar e irritante na viagem de regresso. É óbvio que ele não era o único passageiro que se esforçava ao máximo para evitá-la, visto que muitas vezes ela se encontrava ladeada pelos únicos bancos vagos.

A Mulher Desvairada do Cão estava com um ar ainda mais ridículo do que de costume, envergando um fato carmesim forrado com um tecido de *tweed* que se adequaria muito mais a revestir o mobiliário de uma escola primária.

Piers efetuou um rápido cálculo mental sobre os prós e os contras de viajar de pé até Waterloo em oposição a sentar-se à frente do sofá de saltos altos. Em seguida, reparou que a rapariga sentada ao lado do banco vazio era um arraso. Tinha quase a certeza de que já a vira no comboio antes. Piers reconheceu o pequeno intervalo que ela tinha entre os dois dentes da frente – uma minúscula imperfeição que lhe desequilibrava a simetria do rosto, transformando-o de suavemente bonito em fascinante. É capaz até de lhe ter piscado o olho – um desses momentos silenciosos partilhados por esses passageiros atraentes e bem-sucedidos que se encontravam encalhados no meio de um mar de seres humanos medíocres, quais carros de corrida de alto rendimento num parque de estacionamento do Lidl.

É provável que devesse estar muito perto da casa dos trinta anos, vestia uma saia justa cor-de-rosa, que ele tinha a certeza que exibiam um perfeito par de pernas, por infelicidade ocultas debaixo da mesa, com uma *T-shirt* branca e um *blazer* preto. Devia ter um desses empregos modernos no ramo das comunicações que permitia uma indumentária informal durante a semana inteira, e não apenas às sextas-feiras. Dispor de um tal colírio para a vista ao longo do trajeto fez pender a balança a favor de se sentar.

Piers sacou do telemóvel a fim de verificar as suas operações de negócio. Perdera imenso dinheiro na semana passada, portanto precisava

que esta semana fosse espetacular. Dirigiu uma oração silenciosa aos deuses dos mercados, ao mesmo tempo que metia na boca uma uva da pequena salada de frutas que comprara na loja de conveniência junto à estação. Demorara tanto tempo a tentar convencer as crianças a tomar o pequeno-almoço enquanto se esforçava para ignorar os gritos de *Onde é que está a Magda? Queremos a Magda!*, que se esqueceu de tomar o seu próprio pequeno-almoço. Demorou-se a namorar o *pain au chocolate* na secção de padaria, mas Candida proibira-o de comer doces, alegando que ele estava a ficar gordo. *Gordo?!?* Na verdade, encontrava-se numa boa forma notável para a sua idade. Em todo o caso, meteu o estômago para dentro, por via das dúvidas, ciente da presença da rapariga sentada ao seu lado.

Piers contemplou os números no ecrã. Não podiam estar corretos com toda a certeza, pois não? Dartington Digital sempre fora uma aposta garantida. Inspirou com força de maneira involuntária, e depois sentiu algo alojado bem no fundo da garganta. Tentou respirar, mas isso só fez com que se enraizasse mais fundo. Fez um esforço para tossir, mas isso não causou o menor impacto na obstrução. *Mantém a calma*, disse para si mesmo. *Pensa. É apenas uma uva*. No entanto, começou a sentir-se subjugado por uma vaga de medo e de impotência.

Piers bateu com as mãos em cima da mesa e arregalou os olhos na direção das mulheres que o rodeavam numa súplica silenciosa. Sentiu alguém a dar-lhe umas palmadinhas nas costas num gesto que se assemelhava mais a uma massagem do que ao procedimento extremo que seria necessário. Depois, graças aos céus, um murro súbito e com força que sem dúvida deveria resolver o assunto, ou não? Com uma enorme sensação de alívio, sentiu a uva deslocar-se um pouco. Antes de voltar a instalar-se na mesma posição.

Não posso morrer aqui e agora, pensou. *Não neste medonho comboio suburbano rodeado por zés-ninguém e esquisitoides*. Depois, um pensamento ainda pior: *Se eu morrer hoje, a Candida vai descobrir. Vai perceber o que tenho andado a fazer, e os miúdos vão crescer sabendo o grande fracassado que o pai é na realidade*.

Da posição onde se encontra, curvado sobre a mesa, Piers vê a do fato vermelho pôr-se de pé, como um vulcão em erupção, e uma voz estridente berra: «HÁ ALGUM MÉDICO NO COMBOIO?!» *Por favor, por favor*, pensou ele, *só espero que haja um médico no comboio*. Seria capaz de abdicar de tudo o que possuía só para poder respirar de novo. *Estás a ouvir, Universo? Podes ficar com tudo*.

Piers fechou os olhos, mas continuava a ver vermelho – quer fosse o fantasma do *tweed* carmesim, quer fosse o empolamento dos vasos sanguíneos por detrás das suas órbitas.

– Eu sou enfermeiro! – ouviu ele algures atrás de si. Então, passados alguns segundos que lhe pareceram uma eternidade, dois braços rodearam-no por trás, e ele foi içado da sua posição curvada, e os braços exerceram uma intensa pressão sobre o seu estômago – uma, duas, três vezes.